

A EXPRESSÃO DE PASSADO EM TEXTOS NARRATIVOS ESCRITOS EM ESPANHOL POR APRENDIZES BRASILEIROS

Valdecy de Oliveira PONTES⁴

Resumo: Este trabalho trata dos usos linguísticos dos pretéritos perfeito e imperfeito nos planos semântico-sintático, semântico-lexical e textual-discursivo, em narrativas produzidas por professores de Espanhol em formação. Deram suporte a nossa proposta os pressupostos teóricos do Funcionalismo Linguístico, pesquisas sobre a aquisição do Aspecto verbal em Língua Estrangeira e estudos sobre o Aspecto Verbal. A análise realizada possibilitou-nos verificar que os alunos apresentaram algumas dificuldades no tocante aos usos linguísticos desses tempos verbais, que se deram, principalmente, no plano semântico-sintático: utilização do pretérito perfeito simples no lugar do pretérito perfeito composto, seguida pelo uso do pretérito perfeito simples ao invés do pretérito imperfeito.

Palavras-chave: Pretérito Perfeito. Pretérito Imperfeito. Ensino de Língua Espanhola.

Resumen: *Este trabajo trata de los usos lingüísticos de los pretéritos perfecto e imperfecto en los planos semántico-sintáctico, semántico-lexical y textual-discursivo, en narrativas producidas por profesores de Español en formación. Dieron soporte a nuestra propuesta las principales investigaciones sobre la adquisición del Aspecto verbal en la enseñanza de Lengua Extranjera, así como los estudios sobre el Aspecto Verbal y algunos aportes teóricos del Funcionalismo Lingüístico. El análisis realizado nos permitió verificar que los alumnos presentaron algunas dificultades en relación con los usos lingüísticos de esos tiempos verbales, que se dieron, principalmente, en el plano semántico-sintáctico: utilización del pretérito perfecto simple en lugar del pretérito perfecto compuesto, seguida por el uso del pretérito perfecto simple en lugar del pretérito imperfecto.*

Palabras-clave: *Pretérito Perfecto. Pretérito Imperfecto. Enseñanza de Lengua Española.*

⁴ Doutor em Linguística – UFC; Professor do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Ceará – UFC; Pesquisador do Grupo SOCIOLIN-CE/UFC. valdecy.pontes@ufc.br

Introdução

No processo de aprendizagem do Espanhol, os alunos deparam-se com várias dificuldades, tais como a diferença entre os verbos “ser” e “estar” e o emprego do pretérito imperfeito *versus* o perfeito. Para a distinção entre o pretérito perfeito (simplex e composto⁵) e o imperfeito, os professores, bem como os livros apresentam uma série de explicações que, em muitos casos, são muito gerais. Na maioria das vezes, mencionam que o pretérito perfeito expressa eventos terminados e que o imperfeito denota ações habituais e inacabadas, no passado.

Alguns autores têm estudado as diferenças entre os pretéritos perfeito e imperfeito em Espanhol, tais como Castañeda y Ortega (2001), Muñoz y Soto (2000). Para eles, a principal diferença reside no fato de o pretérito imperfeito indicar uma ação no passado, porém, sem informar a sua finalização, em contrapartida, o pretérito perfeito apresenta uma ação passada, cujo desfecho é informado. Conforme Masip (1999), é uma dificuldade para o aluno a utilização desses tempos, inclusive, de acordo com Alegre (2007), até mesmo os docentes, sendo nativos ou não, apresentam uma notável dificuldade na diferenciação desses tempos, no tocante aos usos.

Neste trabalho, abordaremos o uso destes pretéritos, em produções escritas por alunos universitários, futuros professores de Espanhol em formação, quando utilizam as formas dos pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo em Espanhol. Procuraremos descrever e explicar os usos linguísticos e apontar as dificuldades apresentadas por parte dos alunos do sexto semestre do Curso de Letras, habilitação em Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola, da UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Campus Maria Elisa de Albuquerque Maia).

⁵ Segundo Vicente Masip (1999), entre os espanhóis há três terminologias de classificação dos verbos: a de Andrés Bello, e outras duas da Real Academia Española (RAE), a primeira de 1931 e a segunda de 1973. Trabalharemos com a última da RAE, pois é a utilizada, atualmente, como parâmetro para a elaboração dos livros didáticos. Dentro dessa classificação, optamos por nomear os pretéritos perfeitos de simplex e composto e não de pretérito indefinido e perfeito, pois julgamos a primeira designação mais coerente do ponto de vista semântico.

Os pretéritos perfeito e imperfeito em Espanhol

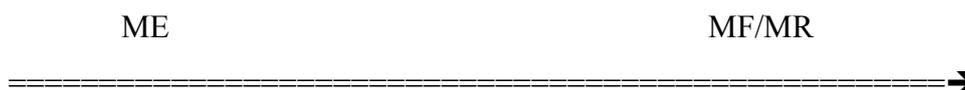
No que tange à questão da conceituação do tempo correlacionado aos sistemas de tempo verbal, Givón (1984) aponta dois traços como fundamentais: sequencialidade (sucessão de pontos, momentos) e ponto de referência (tempo do ato de fala). Segundo Coan (2003), a categoria tempo verbal codifica a relação entre dois pontos no tempo: o tempo de fala (ponto de referência universal) e o tempo do evento. A partir dessa caracterização, o tempo é concebido para registrar os acontecimentos com as suas respectivas relações cronológicas. Nesse caso, conforme Coan (2003), o tempo verbal figura como uma das várias estratégias utilizadas com o objetivo de mapear o tempo nas línguas em geral.

Para a caracterização de situações na linha temporal, ao tratar dos verbos do inglês, Reichenbach (1947) propõe três momentos:

- a) momento de fala, MF;
- b) momento da realização da ação expressa pelo verbo (momento do evento), ME;
- c) momento de referência, MR.

A partir de Reichenbach (1947), propomos os seguintes diagramas para os pretéritos sob análise:

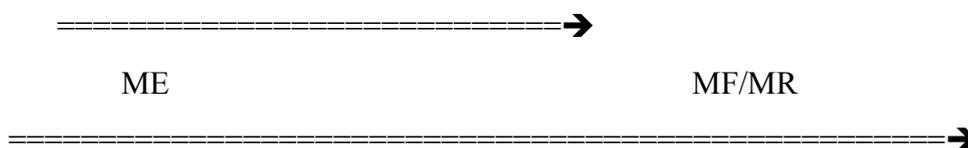
Pretérito perfeito simples/indefinido:



(1) Juan estuvo ayer en Ávila. (Juan esteve ontem em Ávila).

O pretérito perfeito simples expressa fatos localizados em uma zona temporal anterior (ME) àquela em que se encontra o falante, ou seja, anterior ao momento de fala (MF) e ao momento de referência (MR), os quais ocupam o mesmo lugar na linha temporal, conforme o diagrama acima.

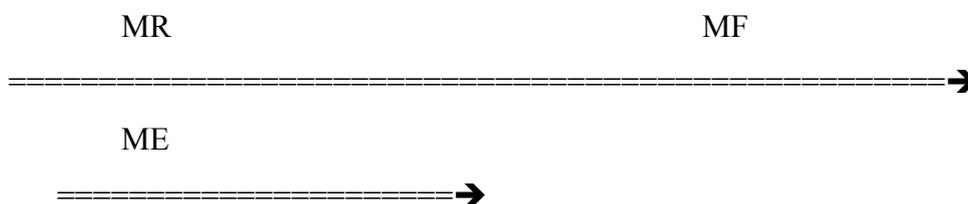
Pretérito perfeito composto:



(2) Este año Juan ha estado en Ávila. (Este ano Juan esteve em Ávila).

O pretérito perfeito composto refere-se também a fatos passados, mas que têm relação com a zona temporal em que se encontra o falante, ou seja, o momento do evento (ME) relaciona-se ao momento de fala (MF) que, por sua vez, ocupa o mesmo lugar na linha temporal que o momento de referência (MR), conforme o diagrama acima.

Pretérito imperfeito:



(3) Juan estaba ayer en Ávila. (Juan estava ontem em Ávila).

O pretérito imperfeito expressa fatos localizados em um tempo anterior àquele em que se encontra o falante, mas os fatos são relatados em seu desenvolvimento e não há informação sobre a sua conclusão. Desse modo, o momento de referência (MR) é anterior ao momento de fala (MF) e o momento do evento (ME) inicia-se no momento de referência (MR), seguindo um contínuo na linha temporal, porém sem um ponto que demarque a sua finalização, conforme o diagrama acima.

Segundo Alegre (2007), o que deve ficar claro em relação ao imperfeito é que, quando nos referimos a ações não acabadas, fazemos referência a um dado momento do passado, mas, no momento atual, a ação, que não foi concluída naquele momento do passado a que fizemos referência, já deve ter sido concluída ou deixada de lado, ou seja, não podemos afirmar,

categoricamente, que uma ação expressa pelo pretérito imperfeito não foi concluída em um momento posterior. Na próxima seção, explicitamos os procedimentos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa.

Metodologia

Para a realização desta investigação, foi escolhido um grupo formado por 14 alunos do sexto semestre do Curso de Letras, habilitação em Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola da UERN – Campus Maria Elisa de Albuquerque Maia. Esta é a primeira turma em formação do Curso de Letras, habilitação em Língua Espanhola e respectivas Literaturas de Língua Espanhola. A pressuposição é de que esse grupo possui um nível avançado de domínio da Língua Espanhola, por se tratar de futuros professores dessa língua. Vale salientar, ainda, que os alunos não tinham nenhuma experiência prévia com o estudo de Espanhol antes do Curso de Letras e que já cursaram 2340 horas, das 3600 que compõem o currículo, composto por 80% de disciplinas de Espanhol, incluindo duas disciplinas de Produção Textual em Língua Espanhola.

Com o objetivo de coletar os dados, foram utilizadas três propostas de produção de textos narrativos, pois, a narração propicia uma maior ocorrência das formas verbais nos pretéritos perfeito e imperfeito do Indicativo em Espanhol. As propostas foram extraídas de livros didáticos direcionados para o ensino de Espanhol como Língua Estrangeira, porque os sujeitos envolvidos na pesquisa utilizaram, no decorrer de sua formação, o livro didático como um dos principais recursos na sua aprendizagem. Adotamos dois critérios para a seleção dos livros: apresentarem uma quantidade significativa de propostas de tipologia predominantemente narrativa e serem atuais – editados entre 2004 e 2009. As propostas são:

1) Livro didático “Pasaporte” (vol.02- 2008, p. 46.)

ARAGÓN, Matilde Cerrolaza; GILI, Óscar Cerrolza. **Pasaporte**. V.2. Madrid: Edelsa, 2008.

Cuenta un acontecimiento sorprendente de tu vida. Puede ser real o imaginario./ Conta um acontecimento surpreendente de tua vida. Pode ser real ou imaginário.

a) Conociste a alguien famoso./ Conheceste a alguém famoso.

b) Estuviste en una fiesta fantástica./ Estiveste em uma festa fantástica.

2) Livro didático “Español en marcha” (vol. 04- 2007, p. 82.)

VIUDEZ, Francisco Castro; DIEZ, Ignacio Rodero. **Español en marcha**. V.4. 2. ed. Madrid: SGEL, 2007.

c) Escribe una historia que te haya ocurrido en algunos de tus viajes./ Escreve uma história que aconteceu com você em algumas de suas viagens

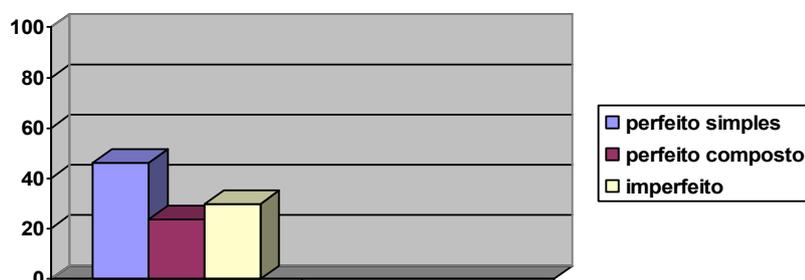
Dessa forma, cada aluno escreveu três produções, totalizando, no geral, um *corpus* de 42 produções escritas. Cabe salientar que, no processo de escritura dessas produções, foi gerada uma reflexão acerca de cada tema proposto, o que auxiliou cada aluno na sua produção. Seguimos, assim, a metodologia para o ensino da escrita em Espanhol, proposta por Alonso (2003), que trabalha a partir de uma perspectiva pragmático-discursiva, ou seja, leva em consideração o contexto comunicativo, bem como o destinatário e o objetivo de cada produção.

Para avaliar se houve inadequação em relação aos usos dos pretéritos, tomamos por base o aporte teórico sobre esses tempos, explicitado na primeira seção deste artigo, e a avaliação dos equívocos dos alunos, realizada por 10 professores de Espanhol graduados há, no mínimo, 3 anos e com experiência no ensino de Língua Espanhola a brasileiros. O objetivo, na aplicação da referida avaliação, foi o de verificar se os equívocos produzidos pelos alunos interferem na compreensão da mensagem em uma situação real de interação verbal, dentro de um contexto comunicativo. Vejamos os usos dos pretéritos em textos narrativos por alunos brasileiros no contexto universitário.

Distribuição dos pretéritos perfeito (simple e composto) e imperfeito e inadequações em relação aos seus usos linguísticos nas narrativas

A distribuição das formas verbal, nas narrativas analisadas, em relação aos tempos enfocados em nossa pesquisa, se deu de forma diversificada. Ilustramos as ocorrências, a partir do gráfico 1:

Gráfico 1: Ocorrência de Perfeito e Imperfeito nas narrativas (%)



Das 764 formas analisadas, obtivemos 354 formas do pretérito perfeito simples, ou seja, 46,3%. O perfeito composto, por sua vez, apareceu 181 vezes, o que equivale a 23,7%. Já de imperfeito, encontramos 229 dados, 30% do total. A partir desse resultado, podemos observar a predominância de formas do perfeito simples que, por sua vez, expressa um tempo passado que não mantém relação com o presente. Em contrapartida, encontramos um menor percentual de formas do pretérito perfeito composto. Podemos atribuir esse resultado ao fato de esse tempo ser pouco utilizado na língua materna dos alunos, no caso falantes nativos de Português. Esse tempo, em Espanhol, conforme os teóricos, expressa fatos no passado que mantêm relação, de algum modo, com o momento de enunciação do usuário da língua.

No que tange à questão das dificuldades em relação ao uso dos pretéritos, ilustramos os equívocos cometidos pelos alunos, ao utilizar um tempo verbal em lugar de outro. Vejamos, no gráfico, a ilustração desses resultados em relação aos pretéritos.

Gráfico 2: Ocorrência de equívocos em relação às formas do Perfeito e Imperfeito (%)



Do total de 16 formas utilizadas de forma inadequada, de acordo com a gramática normativa, obtivemos um maior percentual com as formas do pretérito perfeito simples com 9 formas, ou seja, 53% do total. Em segundo lugar, tivemos as formas do pretérito perfeito

composto com 4 ocorrências, o que equivale a 25% do total de formas. Já com o imperfeito, encontramos 3 formas, 22% do total.

Análise dos resultados

Os dados obtidos em relação aos pretéritos perfeito simples e composto confirmam o que diz a literatura em relação à aprendizagem de Espanhol por alunos brasileiros. De acordo com Briones (2001), é difícil para o aluno brasileiro delimitar com total precisão o uso do pretérito perfeito simples e composto.

Por outro lado, de acordo com o teste realizado com os professores de Espanhol, os equívocos gerados na eleição de um tempo verbal ao invés de outro comprometeriam o entendimento da mensagem por parte do receptor, em um contexto de interação verbal, em apenas 5 ocorrências. Dos 16 equívocos, selecionamos 3, para análise.

(4) En aquél momento, él me **miró** y le **he dicho** la verdad./ Naquele momento, ele me olhou e eu lhe disse a verdade.

Neste exemplo, o aluno deveria ter utilizado o pretérito perfeito simples para a segunda forma, já que o marcador temporal é “naquele tempo”, pois a utilização do primeiro tempo no perfeito simples deixa claro, para o interlocutor, que o usuário se refere a fatos no passado que não mantêm relação com o momento da enunciação.

Com relação ao uso dos pretéritos perfeito e imperfeito, segundo a grande maioria dos teóricos, a principal diferença reside no fato de o pretérito imperfeito indicar uma ação no passado, porém, sem informar a sua finalização, por outro lado, os pretéritos perfeitos apresentam uma ação passada cujo desfecho é conhecido pelo interlocutor da mensagem. A ocorrência de equívocos, por parte dos alunos ao utilizar as formas do pretérito perfeito em lugar do imperfeito e vice-versa, corrobora o que afirma Masip (1999). Segundo ele, é uma dificuldade para o aluno a utilização desses tempos. Vale salientar, ainda, que, de acordo com Alegre (2007), até mesmo os docentes, sendo nativos ou não, apresentam uma notável dificuldade na diferenciação desses tempos, no tocante aos seus usos. Vejamos um exemplo, a seguir, de um equívoco encontrado nas narrativas analisadas em nossa pesquisa:

(5) Todos los días **fui** a la univervdidad. / Todos os dias fui à universidade.

Nesse exemplo, em vez de o verbo **ir** ser utilizado no pretérito imperfeito, é utilizado no pretérito perfeito simples. Neste caso, o aluno, de acordo com a gramática normativa, deveria ter utilizado a forma imperfectiva “iba/ ia”, pois há a narração de um fato habitual e esse contexto pede uma forma imperfectiva. Além disso, temos o valor aspectual reiterativo, ou seja, o marcador “todos os dias”, que aporta para a repetição da ação, já que esta ocorre de forma contínua.

No entanto, de acordo com o teste, sobre as inadequações encontradas nas narrativas dos alunos, realizado com 10 professores de Espanhol, este equívoco não compromete o sentido da mensagem no discurso.

A escolha do pretérito perfeito simples, neste caso, faz alusão a um distanciamento do falante sobre o fato relatado. Nesse sentido, a intenção do falante em relação ao seu interlocutor, dentro de um contexto comunicativo, não é a de expressar a reiteração da ação de “ir”, o que denotaria com o uso do pretérito imperfeito, e sim, a de apontar a pouca importância que dá, em seu discurso, para tal fato. O que podemos inferir, a partir da eleição do pretérito perfeito simples, nesse contexto de interação, é um considerável distanciamento por parte do falante com relação ao fato da enunciação.

Por outro lado, sabemos que a gramática normativa impõe a eleição de um tempo ou outro em certos contextos sintático-semânticos, sem possibilidade de escolha. Nesse sentido, não há dúvida de que, nos mais diversos contextos de interação verbal, os critérios sintático-semânticos parecem impor uma única possibilidade de uso que foi sancionada pela norma. Porém, o complexo plano discursivo pode justificar uma escolha pouco habitual, dependendo do contexto comunicativo.

Vejamos, agora, um exemplo de uma situação oposta, ou seja, a utilização de uma forma imperfectiva em lugar de uma forma perfectiva:

(6) Un tiempo después, **salíamos** del hospital y vimos a mi hermano. / Um tempo depois, saíamos do hospital e vimos meu irmão.

Nesse exemplo, há a utilização de uma forma imperfectiva, quando o contexto pede uma forma perfectiva. O marcador “um tempo depois” e a outra forma verbal no perfeito simples requerem o mesmo tempo verbal, logo, o interlocutor da mensagem deduz que se trata de um fato passado e que houve a culminação deste, portanto, o mais adequado seria utilizar a forma do pretérito perfeito simples “salimos / saímos”.

De acordo com o teste realizado com os professores de Espanhol, este equívoco compromete a mensagem. A intenção do falante em seu discurso é a de expressar a simultaneidade de duas ações, ambas realizadas no passado. Nesse sentido, há um equívoco no que tange ao propósito comunicativo do falante ao seu interlocutor, pois há uma inadequação das ações no eixo temporal, o que prejudica o entendimento, já que pelo enunciado, o receptor não vai atribuir o caráter simultâneo para as duas ações, embora possa atribuir-lhes caráter cotemporal.

A maioria das inadequações se deu pela utilização do pretérito perfeito simples no lugar do pretérito perfeito composto, seguida pelo uso do pretérito perfeito simples ou composto ao invés do pretérito imperfeito. Em alguns contextos que exigiam as formas do pretérito perfeito simples, houve a substituição pelo perfeito composto e pelo imperfeito.

No tocante ao tipo de narrativa sugerida para a produção, pudemos constatar que os alunos obtiveram maior exatidão, no que tange à utilização dos pretéritos perfeitos (simples e composto) e imperfeito, nas narrativas em que tiveram a oportunidade de expressar livremente as suas experiências, como foi o caso da proposta 3. Em contrapartida, apresentaram mais inadequações na narrativa fictícia da proposta 2. Podemos sugerir que, para o aluno, neste estudo, foi mais natural a utilização dos pretéritos em contextos elaborados, a partir de sua experiência pessoal. Por outra parte, foi mais difícil o emprego desses tempos em contextos criados, a partir de uma proposta fictícia delimitada.

Considerações sobre o ensino dos pretéritos

A partir do que foi exposto, podemos afirmar, com base nos resultados obtidos, que as formas perfectivas, geralmente, são responsáveis pela progressão das ações da narrativa. Desse modo, elas compõem o núcleo da narrativa, ou seja, atuam como figura. Por outro lado, as formas do imperfeito desempenham, na narrativa, as funções de descrever, comentar, informar detalhes, observar ações, ou seja, dão o suporte necessário para as ações principais da narração. Logo, atuam, na maioria dos casos, como fundo, conforme Hopper e Thompson (1980). Nesse sentido, temos uma organização das ideias a partir de uma hierarquia construída com base na distinção discursiva entre informação principal e secundária. Vale destacar, ainda, que é fundamental o aluno ter esse conhecimento, para a produção textual, já que uma das premissas necessárias para que se produza um bom texto é saber organizá-lo de forma

coesa e coerente. Nesse sentido, um estudo sobre os pretéritos, sob esta perspectiva discursiva, ajudaria o aluno a sequenciar de forma adequada o conteúdo do seu discurso oral e/ou escrito. Além disso, ele poderia refletir sobre os efeitos de sentidos e sobre as funções das formas perfectivas e imperfectivas presentes nos textos narrativos.

Por último, queremos fazer algumas considerações sobre o ensino de temas gramaticais em aulas de Língua Espanhola, como os pretéritos perfeito e imperfeito. Os professores necessitam considerar que a língua não somente se explica e se entende em termos de gramática, como, por exemplo, preconizavam as propostas baseadas nos métodos de ensino tradicional, Audio-oral ou Direto. O que defendemos é que haja um equilíbrio nas apresentações dos temas gramaticais, estes não devem ser o único foco do ensino, nem ocorrer de forma isolada, servindo-se unicamente de exemplos fixos, que resultam improdutivos para uma aprendizagem efetiva, na qual o aluno se sinta seguro na hora de se comunicar em uma situação real. Nesse sentido, muito se tem insistido no emprego do método comunicativo para o ensino de uma língua estrangeira. Esse método, segundo Santos Gargallo (1999), apresenta (em sua forma clássica) uma sequência que se pode desenvolver nas aulas de Língua Estrangeira (apresentação de conteúdos, prática e produção livre). No momento de apresentação dos conteúdos, no entanto, não há por que renunciar a compreensão de regras explícitas em um maior ou menor grau de abstração. Mediante uma metalinguagem adequada ao nível dos estudantes, oferecer alguns exemplos, circunscritos ou não ao nível oracional, e, em uma terceira etapa, propor uma série de contextos linguísticos nos quais, de forma imediata, se avalie o grau de compreensão e de internalização das formas de uso da regra.

A preocupação está em que se consolidem duas etapas distintas, mas indissociáveis, no processo de aquisição da Língua Estrangeira: a interiorização de suas regras e a posterior automatização das mesmas. Neste sentido, duas questões são importantes: a) se pensamos que a proposta de apresentação formal de uma regra pode ser aproveitável no ensino de uma Língua Estrangeira, em que momento será oportuno introduzi-la? b) Com relação à metalinguagem, ressaltamos a relevância de explicação pragmático-discursiva para a compreensão do funcionamento das estruturas linguísticas.

Conclusão

Podemos verificar que a maioria das inadequações deu-se pela utilização do pretérito perfeito simples no lugar do pretérito perfeito composto, seguida pelo uso do pretérito perfeito simples ao invés do pretérito imperfeito. Destacamos, ainda, que, nos contextos em que eram exigidas as formas do pretérito perfeito simples houve, em alguns casos, a substituição pelo perfeito composto (4 dados) e pelo imperfeito (3 dados). Se levarmos em consideração a quantidade de dados analisados, houve poucos equívocos no uso dos três pretéritos.

A partir dessas informações, podemos constatar que, em relação à produção textual, os alunos obtiveram maior êxito no que tange à utilização dos pretéritos perfeitos (simples e composto) e imperfeito, nas narrativas em que tiveram a oportunidade de expressar livremente as suas experiências, como foi o caso da proposta 3. Em contrapartida, apresentaram mais inadequações na narrativa fictícia da proposta 2. Podemos sugerir que, para o aluno, neste estudo, foi mais natural a utilização dos pretéritos em contextos elaborados a partir de suas experiências pessoais. Por outra parte, foi mais difícil o emprego desses tempos em contextos fictícios, criados a partir de uma proposta delimitada. Faltam, no entanto, pesquisas em relação à produção escrita em Espanhol como Língua Estrangeira que analisem as diferenças entre o emprego dos pretéritos, em narrativas pessoais e de ficção.

Julgamos que seria importante, em futuras pesquisas, ampliar o presente estudo, incluindo mais participantes e acrescentando narrativas orais para compará-las com as escritas. Além disso, outros fatores, que não foram incluídos aqui, podem gerar importantes desdobramentos em estudos de natureza funcionalista, tais como os valores de significação das formas perifrásticas aspectuais em Espanhol. Por fim, não resta dúvida de que a análise dos usos linguísticos dos pretéritos perfeito e imperfeito pode dar margem a importantes e intrigantes questões de pesquisa e pode contribuir para o ensino de produção textual em Espanhol.

Referências

ALEGRE, Blanca Palacio. El tratamiento de los tiempos del pasado en E/LE (pretérito perfecto, indefinido e imperfecto) tomando como referencia el manual aula internacional.

74 p. Memoria de la Universidad Nebrija, Facultad de Filología, Departamento de Filología Española I, 2007.

ALONSO, María Cibele González Pellizzari. La importancia de la escrita en la enseñanza del E/LE. In: **Anuario brasileño de estudios hispánicos**. São Paulo: Embajada de España en Brasil – Consejería de Educación, 2003. p.121-142.

ARAGÓN, Matilde Cerrolaza; GILI, Óscar Cerrolza. **Pasaporte**. V.2. Madrid: Edelsa, 2008.

BRIONES, Ana Isabel. **Dificultades de la Lengua Portuguesa para hispanohablantes de nivel avanzado**: estudio contrastivo. Madrid: Ariel, 2001.

COAN, M. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função (ões)-forma(s) em tempo real e aparente**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística)- Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GIVÓN, Talmy. Verbal Inflections: Tense, Aspect, Modality and Negation. In: **English Grammar: a functional-based introduction**. Vol I e II. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1984.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. **Transitivity in Grammar and Discourse**. *Language*, vol. 56, nº 2: p. 251-299, 1980.

MASIP, Vicente. **Gramática española para brasileños**. Barcelona: Difusión, 1999.

MUÑOZ, D.; SOTO, G. **Construcciones medias de alta transitividad en el español: un enfoque cognitivo-discursivo**. *Lenguas modernas*, vol. 27-26: p. 185-208, 2000.

REICHENBACH, Hans. The tenses of verbs. **Elements of Symbolic Logic**. New York: Macmillan Company, 1947.

SANTOS GARGALLO, Isabel. **Linguística aplicada a la enseñanza-aprendizaje del español como lengua extranjera**. Madrid: Arco/Libros, 1999.

VIUDEZ, Francisco Castro; DIEZ, Ignacio Rodero. **Español en marcha**. V.4. 2. ed. Madrid: SGEL, 2007.